



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ- REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA-
PROEAD - PARFOR/UEPB/CAMPUS IV
CURSO: LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

SANDY DE OLIVEIRA JUNIOR

**OS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: O QUE
DIZEM PROFESSORES DE UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO**

CATOLÉ DO ROCHA

2019

SANDY DE OLIVEIRA JUNIOR

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof^a Me: Benedita Ferreira Arnaud

**CATOLÉ DO ROCHA
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48e Oliveira Junior, Sandy de.

Os estereótipos de gênero nas aulas de educação física: o que dizem os professores de uma escola da rede estadual de ensino [manuscrito] / Sandy de Oliveira Junior. - 2019.

25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD - Catolé do Rocha, 2019.

"Orientação : Profa. Ma. Benedita Ferreira Arnaud , Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."

1. Inclusão. 2. Estereótipos de gêneros. 3. Educação física. I. Título

21. ed. CDD 370

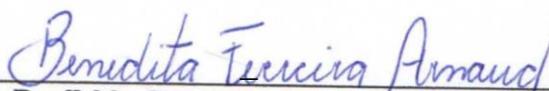
**OS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: O QUE
DIZEM PROFESSORES DE UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO**

SANDY DE OLIVEIRA JUNIOR

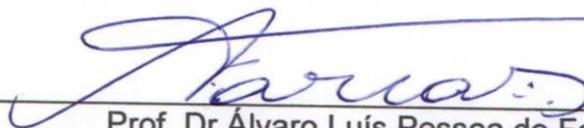
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a Coordenação do Curso de
Licenciatura em Educação Física da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Educação Física.

Aprovada em: 23/11/2019.

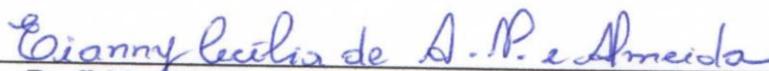
BANCA EXAMINADORA



Profª Me Benedita Ferreira Arnaud
(Orientadora) - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr Álvaro Luís Pessoa de Farias
(Examinador) - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª Me Gianny Cecília de Abrantes Pontes de Almeida
(Examinadora) - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha orientadora Benedita Ferreira Arnaud, pela acolhida, dedicação e solidariedade na construção desse trabalho e de forma especial à minha querida esposa, Maria do Socorro, pela dedicação, companheirismo e amizade a quem agradeço e dedico este trabalho, somente eu e você sabemos o quanto lutamos para chegar onde estamos agora.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me proporcionar perseverança durante toda a minha vida.

Sou grato à minha família pelo apoio que sempre me deram durante toda a minha vida.

Agradeço à minha esposa Maria do Socorro e a minha filha Samilly, por estarem ao meu lado em todos os momentos.

À Pró-reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância, nas pessoas de Eliane Moura (Pró-reitora) e Rochane Villarim (coordenadora geral do PARFOR);

À Dóris Nóbrega de Andrade Laurentino, coordenadora do curso, por seu empenho.

Agradeço a minha orientadora, Benedita Ferreira Arnaud, por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa.

A todos os meus professores do curso de Educação Física, da Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, pela excelência da qualidade técnica e pedagógica de cada um.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Aos professores examinadores, Dr. Álvaro Luís Pessoa de Farias e Prof^a Me. Eiany Cecília de Abrantes Pontes de Almeida, pelas contribuições.

À Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisco Maia que me concedeu o espaço para realizar o estágio supervisionado e aos professores que disponibilizaram seu tempo para participarem da pesquisa.

“A inclusão acontece quando se aprende com as diferenças e não com as igualdades”.

Paulo Freire

OS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: O QUE DIZEM PROFESSORES DE UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO

JUNIOR, Sandy de Oliveira*

RESUMO

Na sociedade moderna em que vivemos a construção de valores baseam-se em aspectos históricos e culturais que foram enraizados ao longo do tempo. E nesse contexto a diferenciação entre o masculino e o feminino torna-se evidente nas relações humanas. Numa tentativa de amenizar essa desigualdade, a escola necessita assumir papel fundamental para compreender, enfrentar e propor ações que intervenham nessas formas de discriminação e exclusão de gênero. Na disciplina de Educação Física é comum nos depararmos com esta realidade no desenvolvimento das aulas. Muitas vezes na prática diária de atividades meninas são separadas de meninos, com a justificativa de maior rendimento ou de maneira disfarçada, gerando discriminação. Para Abreu (1990), meninos e meninas aceitam esta divisão porque estão impregnadas de preconceitos advindos da organização social. Assim, a presente pesquisa visa refletir sobre os estereótipos de gêneros presentes nas aulas de Educação Física, promovendo discussões que resultem em ações para superação desses fatos. Portanto, este trabalho tem como objetivo geral: Analisar a contribuição da Educação Física sobre questões ligadas ao gênero com o intuito de desconstruir estereótipos ainda existentes na escola. A pesquisa utilizada foi tipo qualitativo com embasamento bibliográfico que resultou numa pesquisa de campo. Os resultados mostraram que os estereótipos de gênero estão sendo superados cabendo a escola colocar-se como um meio de eliminação de todas as formas de preconceito.

Palavras-chave: Inclusão. Estereótipos de Gêneros. Educação Física

ABSTRACT

In the modern society in which we live the construction of values is based on historical and cultural aspects that have been rooted over time. And in this context the differentiation between male and female becomes evident in human relations. In an attempt to alleviate this inequality, the school needs to assume a fundamental role to understand, confront and propose actions that intervene in these forms of gender discrimination and exclusion. In the discipline of Physical Education it is common to come across this reality in the development of classes. Often in the daily practice of activities girls are separated from boys, with the justification of higher performance or in disguise, generating discrimination. For Abreu (1990), boys and girls accept this division because they are impregnated with prejudices arising from social organization. Thus, this research aims to reflect on gender stereotypes present in Physical Education classes, promoting discussions that result in actions to overcome these facts. Therefore, this paper aims to: Analyze the contribution of Physical

*Graduado em Administração pela UEPB. Graduando em Licenciatura em Educação Física. E-mail: sandyjunior23@bol.com.br

Education on gender issues in order to deconstruct stereotypes that still exist in school. The research used was qualitative type with bibliographic basis that resulted in a field research. The results showed that gender stereotypes are being overcome and the school should be placed as a means of eliminating all forms of prejudice.

Keywords: Inclusion. Genre Stereotypes. PE

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 A ESCOLA E OS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO	10
2.1 Conceituando Gênero.....	10
2.2 Desigualdades de gênero: os estereótipos culturalmente construídos.....	12
2.3 Os estereótipos de Gênero na Escola e nas aulas de Educação Física	14
3 O CONTEXTO ESCOLAR E O QUE DIZEM OS PROFESSORES	16
3.1 Concepções de gênero e necessidade desta discussão na Escola	17
3.2 Existência ou não do preconceito e da divisão de gênero nas aulas de Educação Física.....	18
3.3 Contribuições da Educação Física sobre questões ligadas ao gênero	18
4 CONCLUSÃO	19
REFERÊNCIAS	20
APÊNDICES	22

1 INTRODUÇÃO

Ao observarmos aulas de Educação Física, desenvolvidas em uma Escola da rede Estadual de Ensino no município de Jericó-PB, verificamos a predominância da participação masculina e conseqüentemente a exclusão da participação feminina desfavorecendo a integração entre os alunos. Consideramos que essa separação se apresenta mais como um limitante social e cultural do que propriamente físico e biológico. Nessa perspectiva, Mosconi (1999) afirma que “[...] na escola, ao mesmo tempo em que se transmitem conteúdos cognitivos e fazem-se aprendizagens disciplinares, operam-se aprendizagens sociais, transmitem-se os modelos, as representações, os comportamentos, os valores, as posições sociais e modelam-se as identidades de sexo ligadas às relações sociais de sexo”. Para a autora, no cotidiano das salas de aula, operam-se processos cognitivos de categorização segundo o sexo [gênero] das disciplinas, das carreiras, dos saberes, mas também de si mesmo e do outro (MOSCONI, 1999, p.88).

Nesse contexto é fundamental que a educação física escolar, oportunize aos alunos diversas vivências e experiências, para que possam desenvolver suas habilidades e consigam superar os estereótipos construídos sobre gênero. Diante disso e demonstrando a necessidade de refletir sobre o assunto surgiu à necessidade de pesquisar sobre a questão de gênero com foco na disciplina de Educação física. Levando em conta que a possibilidade pedagógica proposta nas aulas de Educação Física podem contribuir para a quebra desses preconceitos, propomos elaborar as seguintes questões de pesquisa: Como superar os estereótipos de gênero nas aulas de Educação Física? Que métodos educacionais poderiam ser implantados para romper com preconceitos e desigualdades de gênero, questões que interferem no processo do ensino-aprendizagem? Com base nos autores, o trabalho mostrará ações que podem ser realizadas nas aulas de educação física que promovam a quebra de ideologias socialmente construídas promovendo o crescimento, social, crítico e afetivo dos alunos.

Portanto, este trabalho tem como objetivo geral: Analisar a contribuição da Educação Física sobre questões ligadas ao gênero com o intuito de desconstruir estereótipos ainda existentes na escola. Como específicos: Descrever o conceito de gênero atribuído pelos professores; Identificar, por meio da fala dos professores, os

estereótipos culturalmente construídos pelos alunos que ocasionam a desigualdade de gênero; Avaliar a existência ou não de divisão de gênero nas aulas de Educação Física; Analisar a contribuição da Educação Física sobre questões ligadas ao gênero.

Neste estudo a pesquisa é do tipo qualitativa. Segundo Gil (2002, p. 45) este tipo de pesquisa que tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema. Como instrumento de investigação utilizamos entrevistas semiestruturadas com dois professores de Educação Física de uma Escola da rede Estadual de Ensino da cidade de Jericó-PB. A pesquisa tem base bibliográfica e se encaminhou para uma pesquisa de campo. Baseia-se em autores que relatam acerca dos estereótipos de gênero nas aulas de Educação Física, utilizando-se de material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos, a fim de buscar embasamento teórico para assegurar a qualidade das argumentações desenvolvidas.

No decorrer do trabalho abordamos os assuntos que norteiam o tema em questão. Inicialmente tratamos a respeito da *Escola e os estereótipos de gênero*. Neste item conceituamos gênero; abordamos sobre desigualdades de gênero: os estereótipos culturalmente construídos e os estereótipos de gênero na escola e nas aulas de educação física. Na sequência apresentaremos o resultado da pesquisa no item, *O contexto escolar e o que dizem os professores*. Para tanto, dividimos em três categorias de análises: concepções de gênero e necessidade desta discussão; existência ou não do preconceito e da divisão de gênero nas aulas de educação física e contribuições da Educação Física sobre questões ligadas ao gênero.

Esperamos que este estudo possa contribuir para a tomada de consciência da percepção dos professores nas relações de gênero, bem como possibilite a estes condições de enfrentamento do preconceito estimulando a construção de relações de gênero tendo como referência às aulas de Educação Física.

2 A ESCOLA E OS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

2.1 Conceituando Gênero

O termo gênero, segundo Nogueira (2001, p. 9) vem do Latim *genus*, que significa “nascimento”, “família”, “tipo”. No tradicional da língua este termo é utilizado como um classificador de palavras, uma divisão entre masculino e feminino. Sua

origem grega, *genos* e *geneâ*, fazem referência ao sexo e passou a ser associado ao sexo biológico dos indivíduos a partir do século XV. Sobre as teorias e estudos sobre o termo gênero, a autora esclarece que:

Desde os estudos acerca das diferenças associadas ao sexo de pertença [...] à apresentação de novas teorias (androginia, por exemplo) até à introdução do termo gênero nas pesquisas, toda esta evolução se foi construindo pelo “entrelaçar” de diferentes teorias e perspectivas provenientes, quer das teorias feministas, quer do debate ao nível da construção do conhecimento e da epistemologia positivista característico de todo o período da modernidade. (NOGUEIRA, 2001, p. 9)

Observa-se que na literatura, a evolução do entendimento do que seria gênero, tende a desencadear em situações de desigualdade que são produzidas na sociedade, e a falta de uma definição clara, bem como de um significado do termo gênero, tende a ser marcado pelo preconceito, acaba sendo reforçado nas práticas educativas na escola desde a fase inicial de ensino o que gera as diferenças, especialmente porque é nesse espaço que os indivíduos constroem seus comportamentos através da internalização do que é vivenciado dentro da escola.

Sobre este entendimento Louro (1997) faz sérias críticas à Escola:

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização (LOURO, 1997, p.57).

Tudo que é vivenciado na escola por meninos e meninas são proporcionados com base na diferenciação de gênero levando-os a distinção na maneira de socialização ativando a prática de habilidades e reforços diferenciais conforme o gênero, a maioria das escolas cria e mantém preconceitos e diferenças tradicionais de gênero ao invés de neutralizar estereótipos, relacionados ao gênero. Nesse contexto a figura do professor surge como uma alternativa de superação da diferenciação de gênero entre seus alunos e obtendo como resultado o desenvolvimento dos mesmos.

De acordo com Santos (2005) a diferenciação sexo/gênero entende os sistemas de gênero enquanto mecanismos culturais elaborados para lidar com as diferenças de sexo e questões relativas à reprodução social e biológica. Gênero estaria relacionado aos aspectos socialmente construídos das diferenças biológicas

e sexuais e o sexo estaria relacionado com a identidade biológica do homem e da mulher, assim com vista na organização social que se estabelece por critérios de diferenciação, não só de gênero, mas de raça, de condição social e de cultura, evidenciado cada vez mais, especialmente no contexto escolar.

Outros autores apresentam conceitos de gênero, entre os quais o pensamento de Meyer (2001, p.32):

O conceito de gênero também não se refere mais ao estudo da mulher, ele é um conceito que procura enfatizar a construção relacional e a organização social das diferenças entre os sexos, desestabilizando dessa forma o determinismo biológico e econômico vigente até então, em algumas das teorizações anteriores.

Então a valorização da mulher se dá mediante referência masculina, enfatizando a organização social hierarquizada onde a oposição masculino-feminino é construída na sociedade na qual estão inseridos. Outro aspecto a considerar segundo Louro (1995, p.180), na configuração atual esse preconceito se apresenta de forma disfarçada, sutil e que “na escola algumas vezes são desenvolvidas transformações que servem apenas para revestir de novas formas um mesmo processo de desigualdade ou discriminação”. Nesse contexto os alunos são vítimas das modificações que são aplicadas à escola e que a mesma repassa de forma subliminar por ter que atender as demandas sobre discussão de e enfrentamento de questões sociais, mas que mantém mesmo comportamento em sua prática educativa.

2.2 Desigualdades de gênero: os estereótipos culturalmente construídos

O termo estereótipo é formado por duas palavras gregas, *stereos*, que quer dizer rígido, e *tupos*, que significa traço. Para Pereira (2002, p. 157), os estereótipos podem ser caracterizados como:

Artefatos humanos socialmente construídos, transmitidos de geração em geração, não apenas através de contatos diretos entre os diversos agentes sociais, mas também criados e reforçados pelos meios de comunicação, que são capazes de alterar as impressões sobre os grupos em vários sentidos.

Cândido (1973, p.114) esclarece que “a convivência entre os sexos opostos na mesma escola trouxe alguns estranhamentos no sentido da supervalorização do próprio sexo em que o educando desejava integrar-se”. A competição entre o sexo

oposto, segundo o autor, bem como, os conflitos que já existiam fora da escola passam a fazer parte do contexto escolar, assim como, tantas outras questões. Algumas vezes, os educandos rejeitavam o sexo oposto a fim de manter-se firme em suas relações de amizades e distanciar possíveis atrações pelo sexo oposto.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) uma das competências principais da escola, é “exercitar o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza” (BRASIL, 2017).

A BNCC esclarece que a aceitação das diferenças deve ser abordada no currículo como um primeiro passo para a construção do respeito entre as pessoas, pois as diferenças encontradas na sociedade pluralista são profundas e grandes, e estão relacionadas a assuntos do cotidiano, mas que são essenciais para questões de ética e moral na vida dessas pessoas.

O debate acerca do termo, gênero, torna-se fundamental para compreender a igualdade entre homens e mulheres em relação a direitos trabalhistas, políticos, econômicos, sociais, e a emancipação da mulher na sociedade. Porém, a utilização do termo gênero ainda não é suficiente para explicitar as formas como se constrói em sociedade a dominação masculina, nem explicita as diferenças entre o papel social de homens e mulheres. A distinção orgânica que define a diferença entre o masculino e o feminino num sistema de relações sociais, dentro de contextos históricos, ainda permeia pela sociedade atual impedindo o desenvolvimento das relações humanas.

Desse modo, a escola enquanto espaço de educação inclusiva pode contribuir para que os alunos conheçam e respeitem as preferências de cada um, assim trabalhar as diferenças e a abordagem política do conhecimento científico e da cultura em geral não perdendo de vista a noção de que o conhecimento não constitui apenas informações a serem aprendidas pelos alunos, mas de construção de saberes, de interação entre os indivíduos, seja nas escolas, na sociedade, na comunidade e na família.

2.3 Os estereótipos de Gênero na Escola e nas aulas de Educação Física

A ideologia machista permeia nas relações humanas e é perceptível em diversos ambientes, especialmente a concentração de indivíduos de gêneros diferentes é mais acentuada. E dentre estes ambientes, a Escola aparece como um espaço de disseminação de práticas discriminatórias, especificamente durante as aulas de Educação Física, os conflitos são notórios em face de divisão de alunos na realização de determinadas atividades que favorecem mais os meninos e excluem as meninas, gerando insatisfação entre os alunos.

Sobre a distinção entre gêneros, Abreu acrescenta:

Convém observar que quando falo em discriminação não é só em relação às meninas; mas também de uma atitude discriminatória a ambos os sexos, uma vez que se espera do menino atitudes pré-estabelecidas. [...] Tanto meninos quanto as meninas irão preferir esta divisão, pois já estão impregnados de valores discriminatórios advindos de condicionantes sociais (ABREU, 1990, p. 13-14).

No contexto escolar, essas desigualdades aparecem de diferentes formas, sejam na organização das aulas, quando o professor trabalha conteúdos distintos para meninos e meninas, ou dividem o tempo nas aulas práticas para cada grupo, prejudicando o direito do outro que consta na LDB, que é participar da aula em sua totalidade. E mesmo aqueles professores que têm o conhecimento da necessidade da interação em suas aulas, acabam adotando atitudes equivocadas por não saberem lidar com os conflitos que surgem, em decorrência do domínio masculino que já é costumeiramente perpetuado nas aulas de educação física.

Esses estereótipos foram construídos ao longo do tempo, como verdades compartilhadas socialmente e ditam comportamentos de indivíduos de determinados grupos sociais, que vão desde o pensamento de acreditar que determinadas atividades podem influenciar os alunos na orientação sexual, como na prática do futebol pelas meninas e, muitas vezes reproduzem-se comentários preconceituosos, gerando submissão e inferioridade. Isso é verificado também em atividades de dança, ginástica ou brincadeiras, estas são vistas equivocadamente como essencialmente femininas.

A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394/96, no artigo 59, preconiza que os sistemas de ensino devem assegurar aos alunos currículo, métodos, recursos e organização específicos para atender às suas

necessidades. Desse modo, as leis existentes no Brasil que tratam do processo educativo, como a LDB, abordam na teoria um ensino inclusivo que respeitem as diferenças, que tratem os alunos como pessoas, instigando-os a criticidade. Porém, na prática, a educação brasileira ainda adota metodologias que não contribuem para a formação crítica dos alunos, persiste um ensino conservador e tradicional baseado em moldes que não refletem a realidade

Para Wallon (1975, p.15): “É em todas as suas fases, em todas as suas manifestações, que é preciso estudar as crianças. O seu conhecimento exige a colaboração de todos aqueles que por qualquer razão estão em contato com ela”. A criatividade da criança e a capacidade de moldar comportamentos são estimuladas pela linguagem e por instrumentos que são utilizados no ambiente escolar, pois para cada um no seu processo natural de desenvolvimento não existem diferenças de gênero, raça ou posição social, a hierarquização começa a ser observada nas interações inocentes das relações sociais e as distinções de práticas e atividades e começam a fazer parte do cotidiano e se torna natural nos processos de socialização. Por sua vez, para Sarmiento (2004, p. 70-71):

Trata-se, afinal, de retomar os processos de socialização que ocorrem entre crianças para compreender os modos como elas procedem a categorizações que instauram novas desigualdades: i) enquanto comunidade cultural onde mutuamente se identificam como crianças, se pensam a si e aos outros e subscrevem ações e valores tornados patrimônio coletivo; e ii) enquanto grupo social, diferenciando-se em tipos mais particularistas, elas próprias entre si.

Desde a Educação Infantil meninos e meninas utilizam como critério para escolha de seus amigos mais próximos semelhanças como idade e gênero. Ainda, de acordo com Sarmiento (2004, p. 71), é na diversidade que a criança se reconhece enquanto grupo e identifica pelo olhar o que lhe é diferente. Nesse contexto as crianças devem ser orientadas pelo professor (ou professora) para se reconhecerem enquanto crianças e não como adultos ao reproduzirem o preconceito.

Para a desconstrução desses estereótipos de gênero nas aulas de educação física, o papel do docente é determinante, sendo necessário que se lance um olhar sobre as questões de gênero em suas aulas, problematizando sobre este tema e mostrando a importância das mulheres nas manifestações corporais.

Quando o professor se mantém neutro diante desses conflitos, os estereótipos e as desigualdades entre homens e mulheres existentes na sociedade

são mantidos. Meninos e meninas devem ter as mesmas atenções e vivenciar as mesmas práticas, desenvolvendo novos valores, formas de jogar, de se relacionar e cooperar com os outros, adquirindo capacidades, nas diversas situações apresentadas, sem que haja a inibição por nenhuma das partes.

3 O CONTEXTO ESCOLAR E O QUE DIZEM OS PROFESSORES

A Instituição escolar em que foi realizada a pesquisa é a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisco Maia, localizada à Rua José Mesquita nº 112, centro de Jericó - PB. A referida Escola foi fundada em 06 de março de 1949 através do decreto 157 de 24 de maio de 1949. Construída no governo de Oswaldo Trigueiro, funcionou só de 1ª a 4ª série até 1980, era chamado de Grupo Escolar. Em 1981 a Escola foi expandida para funcionar até a 8ª série do Ensino fundamental e recebeu o nome de Escola Estadual de 1º Grau Francisco Maia. Por dispor de pequeno espaço foi ampliada em 1982, as turmas foram transferidas para o antigo Ginásio Comercial Nossa Senhora dos Remédios, hoje Centro Comunitário. Em 1986 a Escola recebeu sua expansão para o funcionamento do 2º Grau, hoje Ensino Médio e passou a ser chamada de Escola Estadual de 1º e 2º Graus Francisco Maia.

Durante todo esse período foi restaurada em 1992, quando já se encontrava em condições precárias de funcionamento. Em 2006, foram construídas 02 (duas) novas salas para funcionar a biblioteca e a sala de informática, além da reforma dos banheiros.

A referida Instituição de Ensino funciona atualmente nos turnos manhã, tarde e noite. No que se refere às suas dependências, a Escola é constituída por: 01(uma) diretoria, 01 (uma) sala dos professores, 09 (nove) salas de aulas, 01 (uma) sala para biblioteca, 01(uma) sala para laboratório de informática, 01 (uma) sala para laboratório de matemática e robótica, 01 (um) almoxarifado, 01 (uma) cantina, 01 (uma) dispensa, 02 (dois) banheiros coletivos, 01 (um) banheiro individual, 01 (uma) quadra de esportes descoberta que a princípio não contribui para a realização de atividades de educação física, e permite a prática de atividades diversificadas que envolvam todos os alunos, além disso, há muito espaço ao redor da Escola que poderia ser utilizado para a recreação dos alunos, porém faltam árvores e a temperatura no turno diurno é elevada, tornando-se insuportável, ficando os alunos restritos à parte interna da Escola.

Os docentes que atuam com a disciplina Educação Física são dois profissionais do sexo masculino, com idade entre vinte e cinco e cinquenta anos, habilitados na referida disciplina. As aulas abrangem o Ensino Fundamental, Médio e a Educação de Jovens e Adultos.

3.1 Concepções de gênero e necessidade desta discussão na Escola

Durante a realização da pesquisa, os professores foram questionados sobre o *que entendem por gênero*. O professor 1 citou que gênero é uma construção social, cultural e histórica. Enquanto que para o professor 2, gênero é a diferenciação entre masculino e feminino.

Observou-se que os mesmos apresentam definições diferentes, no entanto são conceitos disseminados, postos pela sociedade atual. Enquanto o primeiro entende Gênero como aquilo que diferencia socialmente as pessoas, levando em consideração os padrões histórico-culturais atribuídos para os homens e mulheres, a partir do ponto de vista das ciências sociais e da psicologia, o segundo define gênero como sinônimo de “sexo”, masculino ou feminino, atribuídos para homens e mulheres.

Neste sentido os autores referenciados, dentre eles Louro (1997) adverte que: falta uma definição clara, bem como de um significado do termo gênero. Este, segundo o autor tende a ser marcado pelo preconceito, acaba sendo reforçado nas práticas educativas na escola desde a fase inicial de ensino o que gera as diferenças, especialmente porque é nesse espaço que os indivíduos constroem seus comportamentos através da internalização do que é vivenciado dentro da escola.

Na segunda pergunta, quando perguntados se *consideram que na Escola e nas aulas de Educação Física, o professor deve falar sobre questão de gênero e Por quê?* Estes relataram que a principal dificuldade em abrir discussão sobre este tema é que nos planejamentos isto não é abordado e que só podem acontecer de forma espontânea em conversas informais com os alunos, mas que compreendem a importância desse tema nas aulas de educação física, com vistas a uma sociedade mais tolerante e solidária. Esta foi uma resposta consensual.

Deste modo a escola deve propor discussões e planejar junto com os professores ações que com base nos documentos legais que desconstruam os estereótipos de gênero no ambiente escolar.

3.2 Existência ou não do preconceito e da divisão de gênero nas aulas de Educação Física.

Dando sequência as respostas dos questionamentos aos professores, foi perguntado se nas *aulas de Educação Física há separação entre meninos e meninas, se concordam que devem existir esportes para homem e para mulheres e se já presenciaram situações de preconceito entre seus alunos por questões relacionadas ao gênero e como foi resolvido.*

De acordo com os professores, de um modo geral nas aulas de Educação Física os meninos têm mais facilidade de executar tarefas onde exige mais força, agilidade, e que alguns meninos rejeitam a participação em tarefas associadas à prática feminina (Professor 2). Eles afirmaram que enquanto os meninos consideram a aula de Educação Física a mais esperada do dia, há meninas que não gostam de participar das aulas, pois dizem que vão suar, ou vão desarrumar o cabelo ou ainda, vão quebrar a unha se participarem de alguma atividade. Em outros casos a roupa inadequada é um dos motivos que as meninas alegam para não fazer as aulas, mesmo sabendo que naquele dia terão aula de Educação Física.

De certa maneira, dentro da escola não é certo afirmar que as meninas são excluídas de jogos ou atividades nas aulas de Educação Física apenas por questões de gênero ou por serem mulheres. Também afirmaram que já presenciaram por parte de alguns alunos a tentativa de excluir as meninas dos jogos por ser consideradas mais fracas ou sensíveis. Relatar a importância das mulheres no esporte e principalmente no futebol, mostrar que não é só o gênero que decide quem pode praticar um esporte ou outro, cabe a todos decidirem qual esporte pode fazer. Na concepção deles não existe esporte masculino ou esporte feminino.

Assim como afirma Silva (1996, p. 169), o “poder está inscrito no currículo”. Com, isso, a escola delimita espaços, promovendo diferenças de gênero e reproduzindo desigualdades.

3.3 Contribuições da Educação Física sobre questões ligadas ao gênero

O último questionamento da entrevista foi ouvir dos professores *qual a contribuição que a disciplina Educação Física pode dar com relação a questões relacionadas a conflitos sobre gênero e que métodos podem ser adotados.* A resposta foi unânime. De acordo com os mesmos a Educação Física estimula o

trabalho em equipe, cooperando uns com os outros, além de trazer a questão do entendimento sobre o masculino e feminino, a luta pela igualdade, como também contribuir na desconstrução dos estereótipos de gênero presentes nas aulas e nas propostas pedagógicas das escolas.

Quando questionados sobre os *métodos a serem adotados nas aulas de educação física* no intuito de minimizar os conflitos de gênero, ambos citaram que cabe ao professor trabalhar em sala aula, ações transformadoras que permitam a interação e a troca de conhecimentos entre os alunos. Não citaram estas “ações”.

Conforme os autores referenciados e com base em nossa vivência enquanto professores, o desenvolvimento de algumas estratégias pode ser decisivo para criar um ambiente de cooperação para que aqueles alunos que têm mais habilidades possam ajudar aqueles com menos habilidades, ou seja, o professor precisa considerar meninos e meninas de maneira igualitária, ao mesmo tempo respeitar suas diferenças. Incentivar para que haja, de fato, a integração do grupo. Nesse contexto, verificamos respostas limitadas, o que comprova a insegurança e preocupação dos professores em lidar com este assunto ou propor atividades que minimizem este problema. Isto, possivelmente, em relação à sua inexperiência, em decorrência da formação docente. Comumente aprendemos apenas com a teoria, na prática não sabemos lidar diretamente com estas questões. De modo, que devemos priorizar o respeito mútuo entre os alunos, com atividades que favoreçam o desenvolvimento da consciência, mostrando que todos devem ser respeitados, independente de gênero, de etnia, situação econômica e demais diferenças.

Louro (1997) propõe uma prática educativa não-sexista, recusando uma posição prescritiva e privilegiando a discussão de um modo novo de exercer uma ação transformadora no âmbito da educação.

4 CONCLUSÃO

Prestar atenção às questões relacionadas ao gênero e sexualidade, assim como desejar construir a igualdade, envolve lançar mão de novas concepções e de novos recursos de trabalho; problematizar o que, muitas vezes, percebemos como natural e considerar elementos que até agora foram silenciados na realidade escolar, como os sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem, sua sexualidade, seus desejos e sentimentos.

As atitudes dos alunos na escola são moldadas pelos professores em relação às questões de gênero. Esses profissionais não recebem orientação para combater os estereótipos relacionados ao gênero e acabam reforçando a distinção entre alunos ao invés de neutralizar estes comportamentos. Nesse contexto as aulas de educação física torna-se um ambiente propício para a promoção da similaridade em cada gênero, de modo que discursos e condutas devem ser combatidas na escola, pois esta não pode ausentar-se de suas responsabilidades, enquanto espaço de construção de conhecimento, afim de desconstruir concepções distorcidas de gênero.

Desta forma, a escola, assim como, outras instituições como família e a igreja, contribuem para o desenvolvimento do processo de consciência, devem contribuir para a formação de cidadãos mais éticos. Cabendo a escola não apenas o processo de ensinar a ler ou escrever, mais também auxiliar no desenvolvimento crítico do ser humano, contribuindo para eliminação de todas as formas de preconceito, acreditando que há a necessidade de trilhar um caminho, no sentido de buscar compreender o porquê dos posicionamentos históricos, culturais, sociais, políticos e educacionais dos indivíduos atuantes em determinado contexto histórico que reflete nos dias atuais.

O processo de superação, certamente será difícil. Desafiar a ordem entendida como natural não é tarefa simples, mas o avanço para esse processo encontra-se em andamento, ainda que se encontre contra toda uma tradição da sociedade. A formação dos professores e professoras é foco importante para a superação das construções hierárquicas dos gêneros.

REFERÊNCIAS

ABREU, Neíse Gaudêncio. **Meninos para cá, meninas para lá**. Rio de Janeiro: UGF, 1990.208 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1990.

AQUINO, J. C., **Diferenças e preconceitos na escola**. Alternativas teóricas e práticas. 4ªed. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos. Apresentação dos temas transversais.** Brasília: MECSEF, 1998.

_____. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC>. Acesso em: 22 de setembro de 2019.

CANDIDO, A., A estrutura da escola. In: PEREIRA, L.; FORACCHI, M. M. (Orgs.). **Educação e sociedade.** São Paulo: Companhia Nacional, 1973.

COSTA, M. R. F. e SILVA, R. G. da. A Educação Física e a co-educação: igualdade ou diferença? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte.** V. 23, Nº 2, p. 43-54, Campinas: 2002.

FERREIRA, J. L. As relações de gênero nas aulas de Educação Física: estudo de caso em uma escola pública de Campina Grande – PB. João Pessoa: 1996. 181f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Paraíba.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LOURO, Guacira L. **Prendas e Antiprendas: uma escola de mulheres.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1997.

MOSCONI, N. Les. **Como recuperar a socialização diferenciada de sexos na escola.** 1999, p.88.

NOGUEIRA, Conceição. **Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: feminismo e perspectivas críticas na psicologia social.** Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

NUNES, César; SILVA, Edna. **A educação sexual da criança: polêmicas do nosso tempo.** Campinas, SP: Autores associados, 2000.

PEREIRA, M.E. (2002). **Psicologia Social dos Estereótipos.** Brasil: EPU.

SANTOS, José Alcides Figueiredo (2005), **Classe social e desigualdade de gênero no Brasil.** Trabalho apresentado no XXIX Encontro Anual da ANPOCS, GT "Gênero na Contemporaneidade".

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, M. J; CERISARA, A. B. (Orgs.). **Crianças e miúdos: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação.** Portugal: Edições Asa, 2004, Cap. 1, p. 9-30.

SILVA, Tomaz T. da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WALLON, H. **Psicologia e educação da infância.** Lisboa: Estampa, 1975.

APÊNDICES



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ- REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA –
PROEAD - PARFOR/UEPB/CAMPUS IV
CURSO: LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Prezado/a Diretora/a,

Solicitamos desta Instituição de Ensino, autorização para realização da pesquisa intitulada: **OS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: O QUE DIZEM PROFESSORES DE UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO.**

A referida pesquisa destina-se ao meu trabalho de Conclusão de Curso - TCC com dois professores de Educação Física e dados relativos a esta Instituição de Ensino. Constitui-se como um dos requisitos para obtenção do título de licenciado em Educação Física pelo PARFOR/UEPB/CAMPUS IV e conta com a orientação da professora Benedita Ferreira Arnaud. Desde já asseguramos o sigilo em relação ao nome dos participantes da pesquisa. Salientamos que o nome da Escola só será mencionado na pesquisa com a devida autorização por parte de Vossa Senhoria.

Agradecemos a atenção dispensada e o empenho em atender-nos e nos colocamos a disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Catolé do Rocha, ____ de _____ de 2019.

Atenciosamente,

SANDY DE OLIVEIRA JUNIOR
Aluno pesquisador

ROTEIRO DE PERGUNTAS DIRIGIDAS AOS PROFESSORES

1. O que você entende por gênero?
2. Você considera que na Escola e nas aulas de Educação Física, o professor deve falar sobre questão de gênero? Por quê?
3. Nas aulas de Educação Física há separação entre meninos e meninas?
4. Você concorda que devem existir esportes para homem e para mulheres?
5. Você já presenciou situações de preconceito entre seus alunos por questões relacionadas ao gênero? Como resolveu a situação?
6. Qual a contribuição que a disciplina Educação Física pode dar com relação a questões relacionadas a conflitos sobre gênero? Que métodos podem ser adotados?